



IGREJA Viva

ENTREVISTA

**"TRABALHAMOS
NÃO SÓ A PENSAR
EM NÓS MAS
ABERTOS AO MUNDO"**

SARA POÇAS

P. 03-05

BREVES**Capuchinhos elegem frade italiano como novo ministro-geral**

A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos elegeu esta semana o frei Roberto Genuin, da Província italiana de Veneza, como novo ministro-geral, na reunião magna que decorre em Roma. Entre os frades eleitores que representam “mais de dez mil irmãos espalhados pelos cinco continentes”, estão os portugueses frei Fernando Alberto Cabecinhas e frei José Leitão. Aos 50 anos, o novo ministro-geral, que sucede ao suíço frei Mauro Jöhri (2006-2018), vai dirigir a ordem dos Franciscanos Capuchinhos nos próximos seis anos. Frei Roberto Genuin formou-se na Universidade Pontifícia Lateranense. “Aprendei de mim... e encontrareis” é o tema do 85.º Capítulo Geral dos Frades Menores Capuchinhos, que começou a 27 de Agosto.

**Bispos portugueses manifestam “total apoio” ao Papa**

Os bispos portugueses enviaram uma carta ao Papa a agradecer a determinação na condenação do “drama do abuso de menores por parte de membros responsáveis da Igreja”, comprometendo-se a “erradicar as causas” dessa “chaga”. O documento foi lido em Fátima por D. António Augusto Azevedo, presidente da Comissão Episcopal Vocações e Ministério, e marcou a abertura do simpósio do clero que termina hoje. Os bispos destacam “a oportuna e corajosa Carta ao Povo de Deus”, e dizem partilhar “o sofrimento do Santo Padre e de toda a Igreja”, reafirmando o seu empenhamento “em incrementar uma cultura de prevenção e protecção dos menores e vulneráveis em todas as nossas comunidades”.

**OPINIÃO****Olhares - 7****JOÃO AGUIAR CAMPOS**

PADRE

Entrou na igreja e deixou-se cair sobre um banco, de pernas esticadas como em esplanada. Estendeu os olhos em diversas direcções, parando no tecto durante segundos. Depois cochichou qualquer coisa ao ouvido da mãe, que ges-

pais, as queixas dos avós e a indiferença de filhos e netos. Dói-me o vazio de muitas vidas que não se questionam nem procuram, pois um “porque sim” lhes bastou ontem e lhes basta hoje!..

Um dia espero voltar a este assunto da “educação que não deu resultado” e ao “agora já não querem saber”. Hoje, porém, detenho-me na facilidade com que transformámos as nossas igrejas em salões sem dono nem modos; barulhentos e desordenados... Enfim, sítios onde se espera ou desespera, por causa de um “evento” ou de uma “obrigação” qualquer.

Num casamento, os olhos e as conversas estão centradas nos arranjos, nos vestidos, na

de, serenidade e sentido profundo do momento. Não raro, de facto, na apresentação e no imprevisto se indicia a vontade de sair dali quanto antes... Pessoalmente, choca-me que o padre — e refiro-me especialmente aos funerais — seja muitas vezes o único visualmente estranho ao que ali se passa; nomeadamente na apresentação indiferente ou descuidada!...

Urge ensinar a estar e a rezar. Urge criar ambientes propícios ao recolhimento e ao encontro. Urge!...

A Oração – lê-se em “a Verdade vos tornará livres”, n.938 – “tem uma incidência notável no desenvolvimento da vida cristã.

Sem a luz de Deus, nenhum



ticulou um pedido de calma e deve ter recomendado que rezasse. A resposta foi um encolher de ombros e, se possível, uma posição ainda mais afundada no banco...

Pareceu-me que a mãe se apressou, num sinal da cruz desgostado. Ele levantou-se, sem um gesto sensível.

“Ai, senhor padre, que tristeza!.. Eduquei os meus filhos tal como fui educada e, olhe, agora não querem nada. Não sei p’ra onde vai esta juventude...”

Lembrei-me, na circunstância, deste desabafo que oiço dezenas de vezes.

Doem-me a perplexidade dos

identificação dos convidados ou na porta do fundo, por onde se espera que — com o atraso da praxe — entre a noiva.

Nos batizados, passa-se quase o mesmo — com a ressalva de as crianças estarem mais alegres e, ao menos elas!, espreitando os gestos e ritos da celebração, com natural curiosidade.

Nos funerais, fala-se mais com os cotovelos, que alertam para a presença de quem, normalmente, está ausente da vida dos amigos ou familiares. Infelizmente — e é importante admiti-lo — nem sempre quem preside ajuda à serieda-

homem se salva. É ela que faz com que o homem dê os primeiros passos e o conduz ao cume da perfeição. Por isso, se quiseres começar a possuir esta luz de Deus, faz oração; se já estiveres empenhado na subida à perfeição e quiseres que esta luz, que está em ti, aumente, faz oração; se já chegaste ao cimo da perfeição e ainda quiseres luz para manter-te nele, faz oração. (...) Seja qual for a virtude que desejas, faz oração”.

Mas, não o esqueçamos: os discípulos pediram para serem ensinados a rezar, quando viram rezar!...



ENTREVISTA

"A IDEIA É FAZER A ESPERANÇA CRESCER"

JOÃO PEDRO QUESADO | TEXTO E FOTOS

A UM MÊS DO INÍCIO DE MAIS UM ANO PASTORAL E DO ANO MISSIONÁRIO EXTRAORDINÁRIO, O IGREJA VIVA ESTEVE À CONVERSA COM SARA POÇAS, COORDENADORA DO CENTRO MISSIONÁRIO, O PADRE PAULINO CARVALHO, SACERDOTE ENVIADO A PEMBA E COM O CASAL QUE PARTE EM OUTUBRO PARA CUMPRIR UM ANO DE MISSÃO.

Chegar a Setembro significa para muitos o fim das férias. Para as comunidades católicas, significa que um novo ano, com novos propósitos, mas o mesmo espírito, se avizinha.

[Igreja Viva] O ano passado o tema era "Despertar Esperança". Este ano passamos para "Ser Esperança". Como é que isto está relacionado com o Ano Missionário?

[Sara Poças] Dentro do triénio da esperança, no ano passado houve esta questão do

despertar, do encontrar, de proporcionar o encontro pessoal com Jesus Cristo, e que acaba por se manifestar também no encontro com os outros. E agora, no "Ser Esperança", a ideia é o crescer, é fazer essa esperança crescer. E fazer crescer implica também este encontro com as comunidades, onde todos se sintam acolhidos.

[Igreja Viva] Um dos objetivos do programa pastoral deste ano é o de "criar comunidades onde todos se sintam acolhidos e motivados para a

missão". Como é que se consegue atingir esse objetivo?

[Pe. Paulino Carvalho] Havia uma expressão que foi alterada... Ela era "somos discípulos e missionários" e retirou-se, na linguagem, a parte copulativa. Não podemos ser discípulos sem ser missionários, não há uma separação. E todos nós sabemos, idealmente, como é que isso se faz, porque o baptizado, a partir do seu baptismo, deve ser missionário. E, como nós dizemos, para ser missionário não é necessário sair e ir para África, se não se começar em ca-

sa. Eu penso que, de uma forma realista, o que é necessário fazer é ver o que é que cada paróquia, cada movimento já faz e fazer, com um olhar a partir do Evangelho, uma espécie de exame de consciência: o que está bem, o que se pode melhorar, o que se pode fazer quanto ao que não está tão bem. E depois é preciso abrir-se a esta dimensão missionária que os documentos ajudam a focar – e por ter sido proposto o Ano Missionário Extraordinário pela Conferência Episcopal –, em coisas muito simples que estão na carta da Conferência Episcopal, no nosso programa pastoral, no folheto que a Arquidiocese fez para ajudar a perceber o que é isto do Ano Missionário Extraordinário, escolher uma ou outra iniciativa que permitam concretizar este anseio missionário.

Quando digo uma ou outra, digo com uma atitude muito realista, porque às vezes queremos fazer muitas coisas e não conseguimos, e então devemos tentar seguir a regra dos três 'pês': pouco, pequeno e possível. É um pouco por aí e, nesse sentido, coisas muito simples que se foram perdendo na paróquia, como uma visita aos doentes, implicar os jovens nessas dinâmicas – que às vezes nos surpreendem a nós próprios, párocos e paróquias, porque a sua irreverência, a sua juventude, a sua inexperiência misturada com os mais velhos, com ideias diferentes, podem ajudar – e a missão começa por aí. E essa missão, que já existe – não estamos a partir do zero –, vai despertar também outras possibilidades, inclusive abraçarmos cada vez mais o Projeto Salama, que faz parte da

Arquidiocese e é coordenado pelo CMAB e é algo que eu acho motivador, uma arquidiocese proporcionar aos seus diocesanos – padres, religiosos e leigos – a possibilidade de fazer experiência missionária *ad gentes*. A copulativa que tiramos do “discípulos e missionários” para assumirmos a capacidade de sermos discípulos missionários propõe-se depois também na missão, que não tem que ser missão *ad gentes* ou missão intra, mas é missão. Mas naturalmente que uma, se calhar, pressupõe outra e, havendo um trabalho missionário cá, é possível depois olhar mais longe e mais largo.

[Igreja Viva] Nomeadamente para este projecto, o Salama, têm tido dificuldade em encontrar voluntários?

[Sara Poças] Sim. Temos tido dificuldade em encontrar... Esta questão dos voluntários é uma questão sintomática. E não somos os únicos, outros grupos de voluntariado missionário de longa duração têm tido igualmente dificuldade em arranjar voluntários. As pessoas ficam muito receosas, se não têm uma convicção de que realmente vai ser bom para a vida delas e não confiam que depois o futuro será melhor... Essa experiência de voluntariado missionário não só nos enriquece a nível pessoal e espiritual, mas a nível profissional também acaba por ser uma mais valia. Nós não temos voluntários às dezenas e já percebemos que, por uma questão de conjuntura, nunca iremos ter. Temos vindo a perceber e cada vez mais a confirmar que é um chamamento muito pessoa a pessoa, muito de experiência, de contacto pessoal. Não é fácil as pessoas disponibilizarem um ano da sua vida para um projecto deste género, com o que isso implica do que a pessoa está privada. O que se ganha, poderei ser suspeita a falar, mas acho que supera as dificuldades.

[Pe. Paulino Carvalho] O que eu admiro nos leigos e que faço paralelo com outro tipo de missão ou voluntariado, é que efectivamente isto nunca é para grandes multidões. O voluntariado é um grande desafio porque implica compromisso, implica disponibilidade. E quanto maior, mais difícil. Também acho que tem que ver com a personalidade e feito de cada um e com esta capacidade de não contabi-

lizarmos tanto a vida. É mais fácil eu falar do que um leigo, porque eu, à partida, chegando, tenho trabalho. Eles não sabem. Mas também não se pode hipotecar o que acontece amanhã sem viver o hoje. Nós estamos de tal forma açambarcados por uma sociedade de consumismo que dizemos que eles lá são pobrezinhos mas efectivamente são mais felizes do que nós nem têm grandes ambições de terem alguma coisa. Nós aqui temos tudo e andamos desesperados para ter mais e no meio disto tudo vamos perdendo o hoje. O projecto é bom porque nós temos tudo garantido lá, só temos é que nos entregar. Não temos que nos preocupar com o dinheiro lá. Só em entregarmo-nos. É preciso ter este espírito um pouco aventureiro, um pouco maluco e não ter medo de arriscar. Somos heróis? Eu acho que não. É tão herói alguém que fica como alguém que se dispõe a ir.

[Igreja Viva] O programa explica a necessidade de “programar actividades para fora das comunidades”, para conseguir chegar aos vários contextos sociais. Que actividades podem ajudar as paróquias a chegar a mais pessoas?

[Sara Poças] No folheto damos algumas sugestões de formas de concretizar, de sermos uma missão neste Ano Missionário, concretizando algumas tarefas como organizar as semanas missionárias paroquiais nas comunidades, visitar os doentes, criar grupos de infância missionária, organizar peregrinações, organizar grupos de acção sócio-caritativa – mas sempre nesta relação, nesta experiência de proximidade, de chegar às pessoas. Esta questão também é abordada no plano pastoral, de trabalhar em conjunto com outras paróquias, nomeadamente nas comunidades interparoquais e nos colégios de paróquias e promover esse trabalho. Depois, obviamente que, como Centro Missionário, nós temos esta questão de acompanhar o Centro Missionário, as actividades que se vão fazendo e, nomeadamente, o Projecto Salama, acho que é uma forma de sermos comunidade e uma comunidade que não é fechada em si própria, mas que é global e isso é que é sermos uma missão. É sermos uma comunidade global, aberta. No centro missionário,



trabalhamos muito as questões da educação para a cidadania global, esta noção de vivermos num mundo global em que trabalhamos não só a pensar em nós mas abertos ao mundo. Acho que o Salama nos pode ensinar um pouco isso, como é que se vive em comunidade, nomeadamente na nossa paróquia de Santa Cecília de Ocuca e o que é que podemos aprender com isso.

[Igreja Viva] Há algum ponto de destaque no programa pastoral?

[Sara Poças] Um aspecto que nós entendemos como um ponto alto e que o poderá ser também a nível da Arquidiocese é o II Fórum Missionário, que nós vamos realizar em Maio e que também pretendemos que faça um pouco uma síntese daquilo que se pode fazer como missão na Arquidiocese. Porque é que há um Ano Missionário? Porque faz 100 anos de um documento importante sobre a Missão, que é o *Maximum Illud*, e o Papa Francisco declarou o mês de Outubro de

2019 como Mês Missionário Extraordinário. Na sequência desse Mês Missionário Extraordinário, a Conferência Episcopal decretou um Ano Missionário para preparação, no fundo, desse Outubro missionário. Já tínhamos pensado no Fórum Missionário antes de ser anunciado o Ano Missionário como preparação desse Mês Missionário. E no fundo o que ele nos pode dizer é como nós podemos ser uma missão nas comunidades onde estamos, ligando ao plano pastoral.



O baptizado, a partir do seu baptismo, deve ser missionário. E, como nós dizemos, para ser missionário não é necessário sair e ir para África, se não se começar em casa.

Uma lua-de-mel em missão

Ela chama-se Susana Magalhães e tem 31 anos. Ele chama-se Rui Vieira e tem 30. Conheceram-se os dois em missão. A lua-de-mel é uma nova missão, começa em Outubro e dura um ano. “Pelo menos”. Vão integrar o Projecto Salama como missionários voluntários, trabalhando em Pemba.

[Igreja Viva] O extraordinário do vosso caso é o facto de vocês partirem pouco depois de celebrarem o matrimónio. Como é que surgiu essa ideia, essa vontade?

[Susana Magalhães] Nós já fizemos missão, com os Leigos para o Desenvolvimento, em São Tomé e Príncipe, no mesmo ano, em 2014 e 2015. Foi em missão que nos conhecemos e, a partir desse conhecimento, começamos a namorar. Individualmente sempre tivemos esta vocação, este espírito em nós, mas depois, em conjunto, sempre fomos falando de ir novamente, já após o casamento – não sabendo quando seria, como seria, em que condições, qual o projecto. No último ano, tudo se foi encaminhando. Conheci a Sara, conheci o CMAB, conheci o Projecto Salama,

aquele período típico de namoro. O que é que vos leva a querer dar um ano das vossas vidas, ainda por cima um ano tão especial, a outras pessoas?

[Rui Vieira] O facto de ser este ano em concreto é um bocadinho por aí porque, como todos os casais, nós temos um projecto de vida de vivermos juntos, termos filhos e constituirmos uma família. Conjugado com esta vontade de percebermos se queríamos fazer uma missão em casal ou não, acho que o ano em que fazia sentido era o ano imediatamente a seguir ao casamento. Tudo se conjugou e proporcionou nesse sentido, mas idealmente seria assim. É certo que poderá ser mais do que um (*risos*), mas a estar num projecto destes, seria agora, porque é o início e depois talvez não fizesse sentido estruturar uma vida cá, ter filhos e depois ir.

[Susana Magalhães] Existe toda a ideia do que é a missão e do que é o trabalho em missão, mas que não deixa muito de ser o viver a nossa vida comum, mas simplesmente num sítio diferente daque-

sendo o objectivo o mesmo.

[Igreja Viva] A família, depois de um pequeno choque inicial, acolheu a ideia com alegria?

[Susana Magalhães] Sim. É o choque de não tomar o percurso normal do casamento, ter uma casa... Ter empregos estáveis e agora que é suposto, juntos, criarmos uma estabilidade familiar, agora vamos quebrar isso. E depois o lado do sentimento da família, da saudade, do ir para longe, de ir para uma zona desconhecida para eles, tudo isso custa, no início. Mas depois, e já pela experiência passada, é algo que custa no início mas depois vão-se tornando, de certa forma, orgulhosos pela decisão dos filhos, mas não deixa de ser algo que lhes custa, claro que sim.

[Igreja Viva] Encaram as saudades como um dos principais desafios que vão que enfrentar durante este próximo ano?

[Rui Vieira] Em relação ao ano em que estivemos em São Tomé, estando sozinhos,

mé, não é esquecer a família nem é não ter saudades, mas é tentar pôr essa parte de lado para concentrar no projecto. Por exemplo, eu não ia de propósito ao Skype – porque nós não tínhamos internet –, não fazia de propósito seis quilómetros de carro para falar com a minha família. Eu, se estivesse naquele sítio, via se eles estavam *online*. Mas não é que não tenha saudades. É tentar ultrapassar isso para estar concentrado. Agora, estando em casal, se calhar ainda vou conseguir mais, porque constituindo uma nova família, estamos juntos. Não é que a outra família esteja esquecida.

[Igreja Viva] O que é que vocês esperam encontrar e fazer lá?

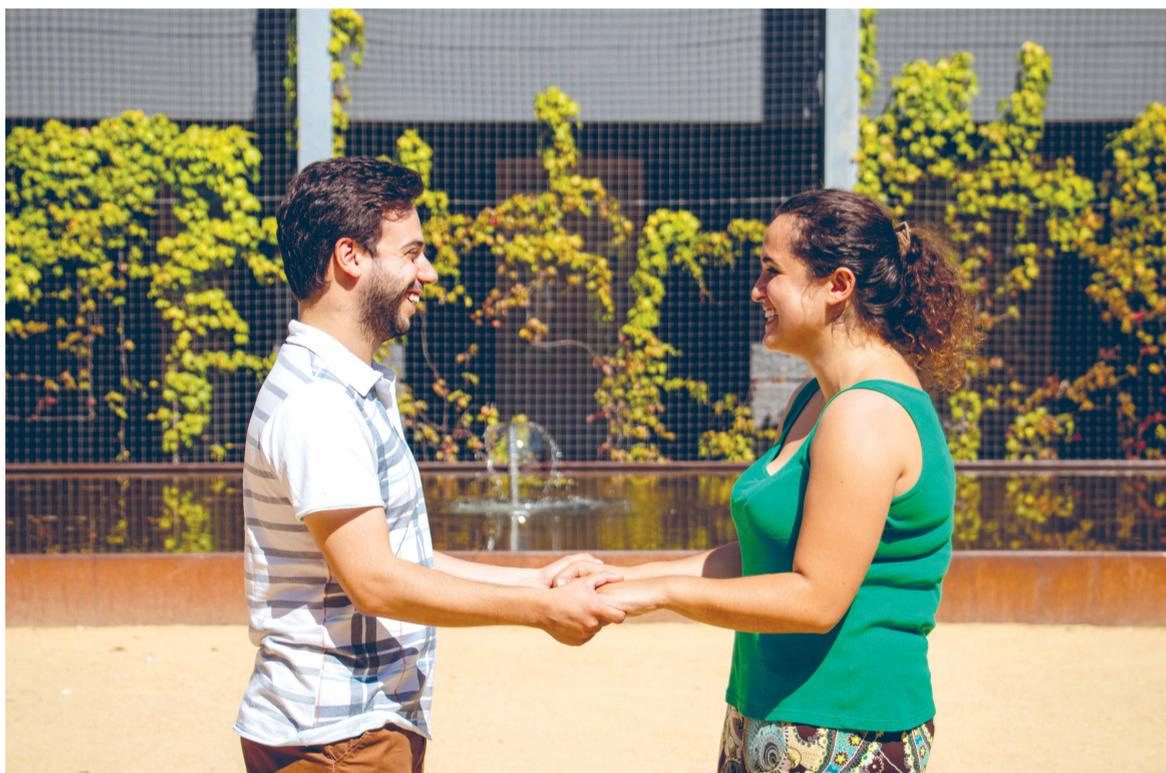
[Rui Vieira] Sinceramente ainda não pensei sobre isso, acho que nem faz muito sentido pensar o que é que vamos encontrar. É um bocado partir confiados e confiantes. O que vamos fazer, no fundo, é trabalho na área pastoral na paróquia de Ocua e depois alguns projectos de carácter social, nomeadamente um projecto de aleitamento materno, um projecto relacionado com agricultura e um projecto relacionado com educação. Agora o que vamos fazer em concreto ainda não está acertado.

[Igreja Viva] E só vão perceber melhor quando chegarem lá.

[Rui Vieira] Sim. Por muita informação, por muita directriz, por muito papel que nós possamos ler, só percebemos o que é o trabalho efectivo quando chegamos ao terreno. Portanto sim, quando chegar lá é que consigo responder a essa pergunta do que é o trabalho em concreto.

[Igreja Viva] Uma das coisas que poderão receber em troca será um fortalecimento da vossa união?

[Susana Magalhães] Acredito na relação que nós temos e no alicerce que ela tem. E tanto é que este passo que vamos dar no dia 15 (casamento) é um passo muito consciente por este caminho que fomos fazendo e que os dois temos como sendo um passo não só de confirmação mas também de bênção e de testemunho perante todos e perante Deus, e nesse sentido só isso acho que já vai tornar mais forte, independentemente de para onde é que fossemos a seguir.



os dois decidimos fazer a formação do projecto. Entretanto já estávamos no processo de noivado e de preparação do casamento e tudo se foi encaminhando. Como já era nossa vontade partirmos em missão os dois, enquanto casal, tudo foi indo pelo melhor caminho.

[Igreja Viva] Geralmente, após o casamento, há sempre

le que vivemos aqui. Claro que será fora da nossa zona de conforto, e nós não vivemos juntos, ou seja, será todo o novo ano de casamento num contexto completamente diferente daquele que até poderia ser, mas não deixa de ser isso, dar o seguimento ao percurso normal do nosso casamento mas num sítio diferente, mantendo na mesma os mesmos valores e a missão,

não estando em casal, sinceramente, eu falo por mim, o primeiro momento em que senti verdadeiramente saudades foi no dia de Natal. Foi esse o momento em que caí na consciência que não estava a ser um período normal, igual aos outros anos. Agora em casal... Se calhar, e falava disto numa altura com o Pe. João, que era o meu assistente espiritual em São To-

"E vós, quem dizeis que Eu sou?"

XXIV DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

ATITUDE

Celebrar na Esperança

CONCRETIZAÇÃO: Todos concordamos que o sentido da nossa vida cristã, da nossa missão, consiste em ser reflexo da presença e da acção redentora de Jesus Cristo. Teremos que estar sempre atentos, para que, através das nossas palavras, atitudes e olhares, revelemos a presença actuante de Jesus Cristo Para significar essa vontade verdadeiramente missionária, propomos que se disponha perto do altar uma cruz e um espelho, de tal forma que se torne visível, quanto possível, o reflexo da cruz.



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Is 50, 5-9a

Leitura do Livro de Isaías

O Senhor Deus abriu-me os ouvidos e eu não resisti nem recuei um passo. Apresentei as costas àqueles que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me insultavam e cuspiam. Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio e por isso não fiquei envergonhado; tornei o meu rosto duro como pedra e sei que não ficarei desiludido. O meu advogado está perto de mim. Pretende alguém instaurar-me um processo? Compareçamos juntos. Quem é o meu adversário? Que se apresente! O Senhor Deus vem em meu auxílio. Quem ousará condenar-me?

Salmo responsorial

Salmo 114 (116), 1-2.3-4.5-6.8-9 (R. 9)

Refrão: Andarei na presença do Senhor sobre a terra dos vivos.

LEITURA II Tg 2, 14-18

Leitura da Epístola de São Tiago

Irmãos: De que serve a alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Poderá essa fé obter-lhe a salvação? Se um irmão ou uma irmã não tiverem que vestir e lhes faltar o alimento de cada dia, e um de vós lhes disser: "Ide em paz. Aquecei-vos bem e saciai-vos", sem lhes dar o necessário para o corpo, de que lhes servem as vossas palavras? Assim também a fé sem obras está completamente morta. Mas dirá alguém: "Tu tens a fé e eu tenho as obras". Mostra-me a tua fé sem obras, que eu, pelas obras, te mostrarei a minha fé.

EVANGELHO Mc 8, 27-35

Evangelho de Nosso Senhor Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, Jesus partiu com os seus discípulos para as povoações de Cesareia de Filipe. No caminho, fez-lhes esta pergunta: "Quem dizem os homens que Eu sou?". Eles responderam: "Uns dizem João Baptista; outros, Elias; e outros, um dos profetas". Jesus então perguntou-lhes: "E vós, quem dizeis que Eu sou?". Pedro tomou a palavra e respondeu: "Tu és o Messias". Ordenou-lhes então severamente que não falassem d'Ele a ninguém. Depois, começou a ensinar-lhes que o Filho do homem tinha de sofrer muito, de ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos escribas; de ser morto e ressuscitar três dias depois. E Jesus dizia-lhes claramente estas coisas. Então, Pedro tomou-O à parte e começou a contestá-l'O. Mas Jesus, voltando-Se e olhando para os discípulos, repreendeu Pedro, dizendo: "Vai-te, Satanás, porque não compreendes as coisas de Deus, mas só as dos homens". E, chamando a multidão com os seus discípulos, disse-lhes: "Se alguém quiser seguir-Me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me. Na verdade, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; mas quem perder a vida, por causa de Mim e do Evangelho, salvá-la-á".

REFLEXÃO

Dai a paz, Senhor, aos que em Vós esperam e confirmai a verdade dos vossos profetas. Escutai a prece dos vossos servos e abençoai o vosso povo. cf. Ben-Sirá 36, 18

O Vigésimo Quarto Domingo (Ano B) confirma a verdade proclamada pelos profetas: a paz e a salvação não passam pela lógica do poder, mas através do dom gratuito da vida. A prece que invoca a bênção divina não busca a libertação imediata, mas dispõe-se a acolher a sua presença em todos os momentos da vida. É decisivo que "cada católico compreenda na sua intimidade a realidade, capaz de transformar a vida, de que Deus existe, que nos ama e que em Cristo ele responde às perguntas mais profundas da nossa vida" (Bento XVI).

"E vós, quem dizeis que Eu sou?"

Através de uma sondagem, o evangelista procura clarificar o essencial da missão de Jesus Cristo, a sua identidade. Depois de perguntar a opinião das pessoas, o Mestre volta-se para os discípulos: "E vós, quem dizeis que Eu sou?". Pedro toma a iniciativa e parece responder com convicção: Jesus Cristo é o Messias, isto é, o ungido, o consagrado de Deus. A resposta está correcta. Contudo, o desenrolar da conversa mostra uma contradição entre a proposta de Jesus Cristo e a expectativa de Pedro (e, muito provavelmente, também dos outros discípulos). A confissão de Pedro é um ponto de chegada que se transforma em ponto de partida. De que Messias estava a falar? Pensava demasiado num Messias à maneira dos humanos. Ainda não tinha entendido que o Messias à maneira de Deus tinha de passar pela cruz. Reconhecer o Messias é estar disposto a aceitar o mesmo caminho! A pergunta feita aos discípulos aplica-se a cada um de nós: "E vós, quem dizeis que Eu sou?". Não servem respostas académicas ou conceituais.

Há-de ser uma resposta que brote do encontro e da experiência. Fechar os livros e os catecismos para abrir o coração e o quotidiano pessoal. "A confissão autêntica de Jesus acontece existencialmente. A identidade daquele que é confessado atrai e compromete a identidade do que a confessa: é na sua vida que o cristão confessa o Cristo. Ou seja: ao mesmo tempo que dizemos que somos cristãos, é importante ter consciência de que devemos também tornarmo-nos cristãos. [...] Ao mesmo tempo que revela o caminho paradoxal de Deus para o homem, o caminho de Jesus torna-se também o caminho escandaloso que o discípulo deve seguir. [...] É bom que Jesus permaneça sempre para os crentes como uma interrogação — E vós, quem dizeis que Eu sou? — e nunca se torne apenas uma resposta. Só assim Jesus será verdadeiramente Senhor" (Luciano Manicardi).

Celebrar na esperança

Os tempos actuais pedem discípulos missionários alimentados pelo encontro pessoal com Jesus Cristo. Ele convida a um estilo diferente, comunica a alegria de viver, a criatividade do amor, uma existência repleta de esperança. Por isso, a tarefa da "evangelização consiste em propor uma relação pessoal com Cristo como chave para a realização plena" (Bento XVI).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.net



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias do XXIV Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, 418).

Oração Eucarística: Oração Eucarística V/C com prefácio próprio (*Missal Romano*, 1169ss).



VIVER NA ESPERANÇA

Junto das pessoas de maior confiança relacional, lançar a mesma pergunta do Evangelho (“Quem é Jesus para ti?”) e, partindo da resposta, estabelecer um diálogo.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

– **Entrada:** A terra inteira (B. Salgado, IC 367 | NRMS 5).

– **Apresentação dos Dons:** A vida só tem sentido (H. Faria, IC 372 | NRMS 103-104).

– **Comunhão:** Senhor, eu creio que sois Cristo (F. Silva, IC 556 | NRMS 67).

– **Final:** Cristo ontem, Cristo hoje.

Elementos celebrativos a destacar

Despertar a Esperança

Introdução ao espírito celebrativo

Sejamos todos bem vindos! Celebramos o XXIV Domingo do Tempo Comum. Desde já, Jesus Cristo pergunta-nos: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Sim; é por isso que estamos aqui! Para sermos capazes de dizer quem Ele é. Esta inquietação dá sentido à nossa celebração, dá sentido à nossa vida de discípulos seus. Cheios de alegria e de esperança façamos desta celebração verdadeira transparência da presença e da ação de Jesus Cristo.

Enraizar a Esperança

Dinâmica própria do Tempo Litúrgico

1. Proclamação da Palavra

[Primeira Leitura] Este texto de Isaías exige do leitor uma proclamação lenta e solene. Teremos que reparar nas perguntas e respostas e cuidar bem o

esforço em torná-las evidentes.

[Segunda Leitura] Esta segunda leitura exige também uma proclamação lenta e solene. Só assim se conseguirá fazer sentir a mensagem tão forte e determinante que ela contém.

2. Liturgia Eucarística

Na narração da instituição da Eucaristia, aquando da elevação da hóstia e do cálice, uma voz *off* faz a pergunta de destaque desta semana – “E vós, quem dizeis que Eu sou?” – e responde: “Tu és o Messias, o Filho de Deus”.

Partilhar a Esperança

Indicações para a reflexão partilhada na homilia

• Em nenhum momento da revelação nos é dito que é fácil ser seguidor e servidor do Senhor.

• A verdade no seguimento é expressão da nossa confiança humilde na graça e auxílio de Deus.

• Nesse caminho, a coerência entre a fé e as obras é essencial.

• Jesus Cristo, estando presente

em todos os momentos da nossa vida, continua a colocar-nos a dupla questão: “Quem dizem os homens que Eu sou?”; “E vós, quem dizeis que Eu sou?”. Como estamos a responder? A nossa resposta é coerente, traz-nos verdadeira paz?

• “Carregar a cruz”: que significado tem para mim? Até que ponto os passos espontâneos da minha vida estão em sintonia com os passos de Deus?

Oração universal

Caríssimos irmãos e irmãs: com humildade, peçamos ao Pai que venha ao encontro da fé de tantos cristãos do mundo de hoje, dizendo (ou cantando), cheios de confiança:

R. Senhor, venha a nós o vosso Reino.

1. Pela Igreja santa, fermento de vida e de salvação, para que procure a sua força na cruz de Cristo e seja sempre testemunha da esperança, oremos.

2. Pelos governantes do mundo inteiro, para que Jesus Cristo lhes dê a graça de promoverem a paz e a justiça, oremos.

3. Pelos leitores e pelos ouvintes da Palavra, para que o Filho de Deus lhes grave no coração que a fé sem obras é morta, oremos.

4. Pelos que não encontram sentido para a vida, para que as palavras e o testemunho de Cristo os iluminem na procura da verdade, oremos.

5. Por todos os estudantes e professores que iniciam o novo ano lectivo, para que permaneçam generosamente abertos à Verdade e ao Bem, oremos.

6. Por todos nós aqui reunidos em família, para que saibamos caminhar no seguimento de Cristo levando a cruz que não escolhemos, oremos.

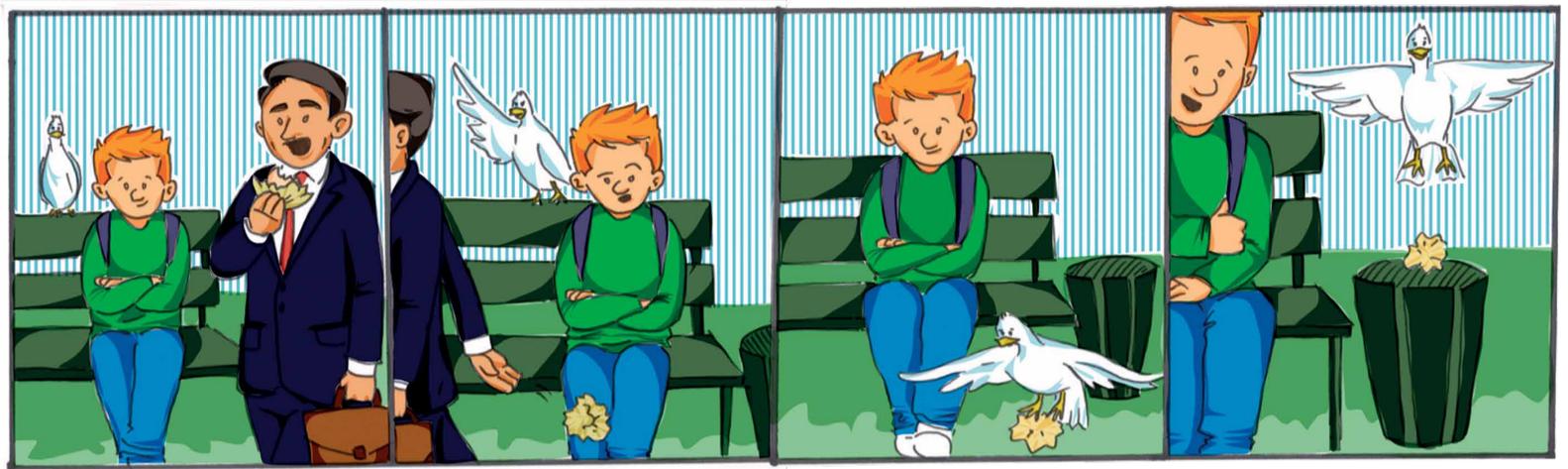
(...)

“E vós,
quem dizeis que Eu sou?”

VIGÉSIMO QUARTO DOMINGO
ANO B · 2018



Olive & Noé



PEREGRINAÇÃO À PENHA CONTA 125 ANOS

A Peregrinação Arciprestal de Guimarães e Vizela ao Santuário Eucarístico e Mariano da Penha acontece no dia 9 de Setembro, saindo a concentração às 08h00 de Nossa Senhora da Oliveira.

A Novena já começou no dia 1 de Setembro e continua até amanhã, Sexta-Feira, 7, quando decorre, às 21h30, um concerto Mariano pelo Coro de Câmara de Barcelos na Igreja de São Sebastião.

No Sábado será D. Nuno Almeida, Bispo Auxiliar de Braga, a presidir à Procissão de Velas que acompanhará a imagem de Nossa Senhora da Penha da Igreja Paroquial de São Sebastião para a Igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. O programa para Domingo conta com uma Eucaristia no Santuário da Penha às 9 horas, se-

guida de uma Eucaristia Campal presidida pelo Arcebispo Primaz D. Jorge Ortiga às 11 horas. Durante a tarde, às 15 horas, tem lugar um espectáculo musical com o Rancho Folclórico da Corredoura.

S. MIGUEL DA CARREIRA PREPARA ORDENAÇÃO SACERDOTAL

No dia 9 de Setembro, Domingo, pelas 14h30, decorre a ordenação sacerdotal do diácono José Carlos Ferreira Pereira, natural de S. Miguel da Carreira, em Barcelos, e que pertence à Congregação dos Missionários do Espírito Santo. Os missionários começaram já no dia 31 a preparar a ordenação com um encontro que juntou catequistas e a Acção Católica Rural.

A Eucaristia da ordenação sacerdotal está marcada para as

15h30, no adro da igreja paroquial, e será presidida pelo bispo auxiliar de Braga, D. Nuno Almeida. O dia termina com um jantar festivo. O diácono fez o estágio missionário em Taiwan (2010-2012) e o noviciado europeu em França (2013-2014), professando no Centro Espírito Santo e Missão, na Silva, Barcelos, a 8 de Setembro de 2014, onde fez também os votos perpétuos, três anos depois. A 2 de Outubro de 2017 foi ordenado diácono.

Este livro recolhe um conjunto de textos sobre santos menos conhecidos, ou, ainda, episódios pouco conhecidos de santos famosos. São textos simples que nos transportam para a "quotidianidade" dos santos e que podem inspirar o nosso próprio quotidiano. Diz o seu autor: "Há tanta gente que passou por nós e testemunhou a fé em grau heroico! São santos de vida simples, muitos deles de enxada na mão e sempre com muito amor no coração".

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de a 13 de Setembro de 2018.

